

O MITO DE NARCISO NA POÉTICA DE ALICE RUIZ S.

MARQUES, Helena Maria Medina¹

(o espelho é minha alma
o espelho é meu guia
o espelho me acalma
o espelho me alicia)ou narcisista
pretensiosamente narcisista
e quem não for
atire a primeira pedra...
...no espelho.

Linaldo Guedes

Resumo: “Mirando-se nas águas, Narciso apaixona-se por si.” Tal mito deu origem a uma série de simbologias que se fazem presentes nas artes em geral. Alice Ruiz S. possui várias obras que abordam o *Mito de Narciso*. O objetivo deste artigo é analisar as recorrências de imagens do Mito de Narciso na lírica de Alice Ruiz S.. O embasamento teórico deste estudo inclui as abordagens de Durand, Eco, Chevalier; Gheerbrant, Brunel Bachelard, dentre outros. As poesias analisadas possuem a mesma temática: a busca interior, a introspecção, o despertar da consciência de sua feminilidade, a busca de reconhecer-se e entender-se como ser humano, a efemeridade da vida.

Palavras-Chave: Mito de Narciso. Poesia. Alice Ruiz S.

¹ Aluna do Curso de Pós Graduação em Letras – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade da Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Sob orientação do Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz/UNIOESTE/PARANÁ. E também professora do Colégio Estadual Marquês de Paranaguá-EFMP. E mail: helenamedinam@hotmail.com

Introdução

De modo geral, seja na sabedoria popular ou nas diversas mitologias, o espelho pode assumir diversos significados, mas quase todos referentes à verdade. Podem ser considerados instrumentos de autocontemplação e reflexão do universo. Eco o define como um fenômeno limiar, que marca os limites entre imaginário e simbólico (LACAN *Apud* ECO, 1989, p. 12). Ligados ao *mito de Narciso*, jovem que mira a si mesmo nas águas, pode representar a consciência humana, simbolizando o pensamento em si mesmo “percebe, então, sua imagem e imediatamente apaixonou-se por ela”. O fragmento abaixo descreve esse momento decisivo em que Narciso se apaixonou pela sua imagem, o reflexo reflete a devastação do ser subjugado pela sua aparência, dominado pela vaidade.

Ele contempla seus olhos, dos astros, a cabeleira digna de Baco e Apolo, as bochechas lisas, o pescoço de marfim, a boca graciosa e a pele que une o brilho do cobre à brancura da neve. Sem saber, deseja a si mesmo. Consumido por este fogo interior, esquece de comer e dormir, e logo começa a definhar. Quando se dá conta que ama a própria imagem está apaixonado por si, deseja morrer [...] (BRUNEL, 1988, p.747).

Mirando-se nas águas, Narciso apaixonou-se por si. O narcisismo é, portanto, o exagero da autocontemplação. Para Cirlot, o mito de Narciso significa a visão antropomórfica do *cosmos*. Dentro da teoria psicanalítica, o complexo narcisista está assinalado pela fixação afetiva do indivíduo em si mesmo. Manifesta-se, psicológica e afetivamente, por um desinteresse do mundo exterior e uma exploração da vida interior no sentido egocêntrico, dando uma importância exagerada à sua própria pessoa. (CIRLOT *apud* VELOSO, 1985).

Tal mito deu origem a uma série de simbologias. Em uma delas, Narciso simboliza o poeta que, atrás das aparências imperfeitas, deseja descobrir os arquétipos e as essências; a água representa a obra de arte “pura – paraíso parcial onde a ideia refloresce em sua pureza interior”. Brunel salienta que, o *mito de Narciso* é o conflito de identidade e dualidade da natureza humana. (BRUNEL, 1988).

O reflexo do espelho é o contemplar-se no espelho. É um convite à reflexão: no esforço para se descobrir a si próprio, o pensamento pode definir-se como espelho vivo da inteligência divina. Assim, “a reflexão do sujeito sobre a teologia da imagem e da semelhança transforma a metafísica do espelho numa filosofia da arte e da criação.” (JACOB, 1990). Portanto, muitas são considerações sobre esse símbolo espetacular – o espelho, que desde os tempos mais remotos, o reflexo deste tem intrigado o ser humano.

Na visão de Baêna (2006), o espelho assume sentidos radicalmente opostos: representa a verdade (símbolo mariano) e a aparência (símbolo demoníaco). A crítica de Platão (427-347 a. C.) sobre o *simulacro*, assenta precisamente, nesta relação entre o objecto real e o seu enganador reflexo. Neste aspecto, o reflexo no espelho pode possuir dois sentidos: o da verdade ou o símbolo da vaidade, um dos 7 pecados capitais.

Em *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*, a água serve de espelho, “sempre aberto sobre as profundezas do eu, pois o reflexo do eu, que aí se mira, sugere uma idealização [...]” Por isso é que, Narciso, ao olhar para a imagem refletida na água, tem uma visão idealizante de sua imagem. O espelho é motivo para uma “imaginação aberta.” (BACHELARD, 1989, p. 24).

Durand (2001) afirma que, o espelho não é só um processo de desdobramento das imagens do eu, e assim símbolo do duplicado tenebroso da consciência, como também se liga à coqueteria, e a água constitui, parece, “o espelho originário”. Durand salienta ainda que, o reflexo na água é remete-nos ao complexo de Ofélia, mirar-se é de algum modo, “ofelizar-se” e participar da vida das sombras. O antropólogo assevera que o espelho, em numerosos pintores, é elemento líquido e inquietante. (DURAND, 2001).

A retomada ao *mito de Narciso proporciona* uma reflexão sobre a “ilusão” dessa imagem especular, e, desta duplicidade intrínseca ao ser humano que permite tratar o tema dos espelhos, enquanto a característica reflexiva que o mesmo proporciona. Possibilita ao poeta pensar no seu próprio eu, na reflexão a que este arquétipo induz o ser humano.

Eco (1989), em *Sobre os espelhos e outros ensaios*, assegura que o espelho “registra aquilo que o atinge da forma como o atinge. Ele diz a verdade de modo “desumano”, como se

o cérebro interpretasse os dados fornecidos pela retina, mas o espelho não interpretasse os objetos. Eco prossegue afirmando que, em todo caso, por mais fortes que sejam as ilusões, as ambigüidades, as confusões “sobre o limiar”:

[...] a tentação de homologar imagens especulares e registros, basta recorrer ao experimentum crucis: reproduza-se um espelho numa fotografia, num enquadramento cinematográfico ou televisivo, num quadro. Essas imagens de imagens especulares não funcionam como imagens especulares. Do espelho não surge o registro ou ícone que não seja um outro espelho. O espelho, no mundo dos signos, transforma-se no fantasma de si mesmo, caricatura, escárnio, lembrança. (ECO, 1989, p. 17,37).

Para Chevalier; Gheerbrant, o espelho reflete a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. Na doutrina budista, o espelho é “símbolo da **sabedoria** e do **conhecimento**, sendo o espelho coberto de pó aquele do espírito obscurecido pela ignorância” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 394, grifos do autor). Neste sentido, o espelho mostra, mais que uma imagem, reflete a sagacidade da poeta que busca o reflexo das palavras para focalizar a busca de si, a introspecção, a procura de sua essência. Nas tradições orientais é símbolo de sabedoria, conhecimento e iluminação.

O espelho também é um símbolo solar, na medida em que reflete a inteligência suprema, mas também é um símbolo lunar, porque a lua funciona como um espelho da luz do Sol. Na China, para além de lunar e feminino, o espelho é o símbolo da rainha, da harmonia e da união conjugal. Platão comparava a alma a um espelho, no que foi seguido por alguns padres da Igreja. Entre os sufis do Islão, o espelho exprime o medo que os seres humanos têm de se conhecerem a si próprios. (Infopédia, 2012).

Análise das Poesias

Alguns poemas de Alice Ruiz S. retomam a temática do *mito de Narciso*, que se repete em várias obras e quase sempre associados à introspecção, à busca de si própria, marcados pela consciência da efemeridade da vida. Alice Ruiz, é poeta, nasceu em Curitiba, também é

compositora, já fez parceiras com Chico Cesar, Zélia Duncan, Arnaldo Antunes, Itamar Assumpção, entre outros grandes nomes da MPB. Já publicou 20 livros, dentre eles, um infantil e também livros em que aborda a questão da condição feminina, o livro *Navalhanaliga* é um desses.

A seguir, alguns poemas, com as respectivas análises, que apresentam temas recorrentes do *mito de Narciso*.

Em *A bela Adormecida no Espelho*, o próprio título alude ao conto de fadas da Bela Adormecida que ficou por cem anos dormindo. Num dúbio sentido que o refletir-se no espelho pode trazer: o tempo perdido sem notar-se como mulher, sem reconhecer e ter sua identidade ou o despertar da consciência dessa feminilidade. Nas lendas e histórias de fadas, os espelhos mágicos têm uma função de prever o futuro.

A BELA ADORMECIDA NO ESPELHO²

Há uma mulher mais bela que eu?

olhar doce
azul turquesa
abertos à força do rímel?
olhos que não vêem
coração que não sente
fotografia em movimentos
suaves, suaves, suaves.
Do outro lado
pano de fundo
o mundo.
Retorno
contorno a boca
por dentro, catatonia
não se transparece
na aparência oca.
Ombro reto
sobrancelha arqueada
falta pouco
para ser amada.

² No poema há jogo de sentidos, entre o conto de Branca de neve e a Bela Adormecida, pois embora o título aluda à história da Bela Adormecida, no primeiro verso “Há uma mulher mais bela que eu?” a reminiscência é à Madrasta de Branca de neve mirando-se no espelho.

caricatura, minha cara
ranhura na moldura
essa ruga
não devia estar aí
se multiplica
contra a vontade
no tempo gasto
para não deixar
aparecer o tempo.
me diga espelho meu
(2010, p. 203)

O verso “Há uma mulher mais bela que eu?” traz imediatamente a imagem da madrasta, personagem da história de *Branca de Neve*, mirando-se no espelho, a qual é uma versão do *mito de Narciso*. Neste mirar-se, a madrasta tinha a autoconfiança que acaba substituindo pela inveja e pela auto-depreciação quando o espelho revela que “branca de neve é a mais bela”. A Rainha Má, diante da atração por seu próprio ego, ao se deixar levar por seu mesmo refletido no espelho, marcha para o mesmo fim trágico de Narciso: afogar-se e destruir-se na imagem que faz de si mesmo.

Para Robles, a bruxa, personagem de *Branca de Neve*, é a maligna por excelência de todos os relatos modernos: madrasta, invejosa da juventude de sua enteada, nostálgica por amor e, acrescentando-se, uma solitária ególatra que explora no espelho as marcas do tempo perdido. (ROBLES, 2006).

Na sequência da poesia, o sujeito-lírico vai descrevendo-se “olhar doce, azul turquesa”, mas “abertos à força do rímel?” Aqui, o uso da interrogação, marca esse ato reflexivo que o mirar-se causa, seus olhos estariam fechados? Seria uma metáfora para referir-se à inércia ou à frustração? Em “olhos que não vêem/coração que não sente” há uma identificação com o provérbio popular “o que os olhos não vêem o coração não sente”, há um possível duplo sentido de não ver, no sentido real, ou ainda no figurado, de não perceber-se enquanto ser humano e o ato de olhar-se no espelho seria o despertar dessa consciência.

Os versos “contorno a boca/por dentro, catatonia/não se transparece/na aparência oca” refletem angústia de um estado depressivo, marcado pelos signos “catatônicos” e “ocos”,

pode simbolizar, o contorno do batom, no rosto pintado, mas o sentimento de tristeza e depressão é escondido pela maquiagem. Fazendo uma analogia, como num circo, onde o palhaço tem que sorrir, mesmo que a alma chore, o rosto pintado refletirá a alegria, mascarando a dor. Em “sobrancelha arqueada/falta pouco/para ser amada”, há pelo verso certa contrariedade e insatisfação expressa por “sobrancelha arqueada” e neste o eu-lírico admite “falta pouco para ser amada”, portanto, parece que o sentido de tal reflexão é de caráter amoroso, pois a mesma revela não ser amada, embora por pouco. Nos versos “essa ruga/não devia estar aí/se multiplica /contra a vontade/no tempo gasto/para não deixar/aparecer o tempo”, o eu-poético reconhece as marcas físicas deixadas pelo tempo, há uma visível contemplação que identifica a preocupação com a transitoriedade da vida e a passagem implacável do tempo, pois as rugas se “multiplica”, isto é, se espalham pela face.

O poema “borrada no espelho” é parte de *Navalhanaliga* (1982), e também trata da mesma temática do espelho, do *mito de Narciso*.

borrada no espelho
não sei se me explico
uma cara que eu não pinto
(1982, s/p)

Em “borrada no espelho”, o eu-lírico deixa explícito o mirar-se no espelho como forma de meditação, pois, não reconhece o rosto “borrado” que reflete uma “cara” desconhecida, distorcida que não a agrada. Há um jogo entre o ser real e a imagem refletida, a realidade e a fantasia se confundem, podendo indicar a própria indecisão do eu-lírico, frente à realidade refletida. O poema incita à reflexão da transitoriedade da vida. A brevidade das nossas vidas é um dos temas mais recorrentes do pensamento existencial humano e essa inquietude aflige, ironicamente, de forma permanente, o espírito humano. Chevalier, Gheerbrant (1982) relaciona espelhos às estrelas, são reveladores da verdade e instrumentos de iluminação, ambos os espelhos e a superfície da água são usados para divinação. Portanto, o espelho, neste caso, revela uma verdade que desagrade ao eu-poético: a deformação do próprio rosto, o envelhecer.

Alice Ruiz S. possui quatro poemas que abordam diretamente essa passagem do tempo através da reflexão do eu-lírico diante do espelho. Edgar Morim (1997), antropólogo francês, em *O homem e a Morte*, salienta que a proximidade da morte é fonte de angústia durante toda a vida. Esta preocupação constante, seja consciente ou subconsciente, parece intensificar-se após a meia-idade, quando o tempo que resta à frente torna-se menor do que aquele já ficou para trás.

com essa ruga tão funda
por que não se enterra?
com essa terra tão grande
como é que não afunda?
(1982, s/p)

Em “com essa ruga tão funda” nota-se o caráter meditativo de alguém em busca de si, ao olhar-se no espelho o reflexo da efemeridade da vida “com essa ruga tão funda”, a consciência do envelhecer e da passagem do tempo. O caráter meditativo vem marcado pelo uso da frase interrogativa “por que não se enterra?”, ou seja, por que não desaparece.

As mais antigas reflexões na obra de Sêneca, escrita em torno de 4 mil anos a.C., *A Brevidade da vida* (2007), o filósofo já abordava a consciência de nossa vulnerabilidade e a inevitabilidade da morte e do nada, permanecem grandes mistérios, cuja solução desafia nossa consciência e intelecto.

De modo geral, qualquer que seja a arte, o homem freqüentemente registra a sua ansiedade em relação à brevidade da vida, no caso de Alice Ruiz S., suas poesias refletem essa inquietude natural do ser humano diante da passagem do tempo. Em *Navalhanaliga*, há o poema concreto “o elo” que traz muitas inovações. De acordo com Bosi em *História concisa da literatura brasileira houve com o surgimento da poesia concreta*, mudanças nos campos: semântico (polissemia, nonsense, etc.), sintático (justaposição), léxico (siglas, neologismos, tecnicismos, etc.), morfológico (desintegração do sintagma em seus fonemas), fonético (aliterações, jogos sonoros), topográfico (não linearidade, o não uso dos versos, em alguns casos), etc. (BOSI, 2006).

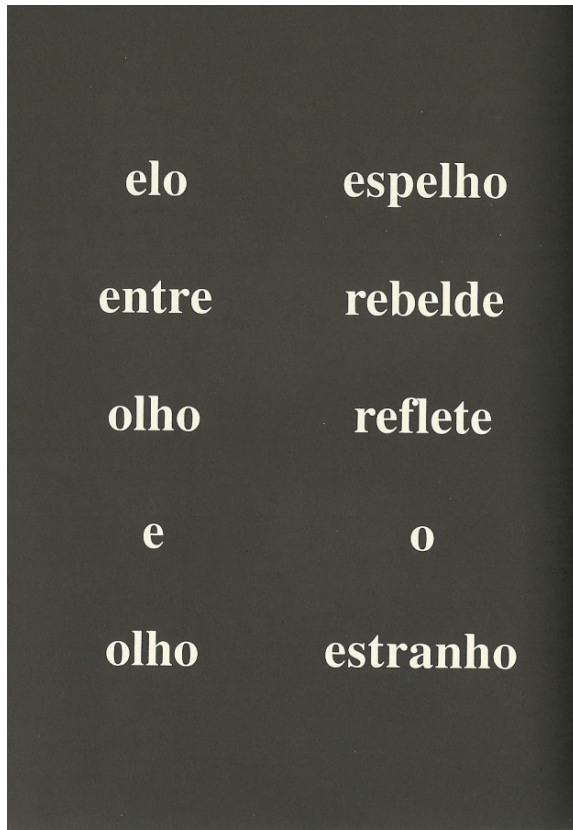


Figura 01. “o elo”. Alice Ruiz S.
Fonte: RUIZ S., 1982, s/p

Como é comum nos poemas concretos, o eu-lírico inova no campo morfológico, e possibilita ao leitor formar palavras diferentes, por exemplo, em “elo entre o olho e olho” ou oportunizar outras leituras, graças à topografia das letras, isto é, a disposição das mesmas no papel. Desse modo, pode-se ler nos versos transcritos que há um jogo entre o espelho e o reflexo no qual o espelho “reflete o estranho”. Há neste poema a incapacidade de comunicar-se com si mesmo e com o outro também, o eu-lírico não se reconhece diante da autocontemplação de sua imagem.

A disposição tipográfica das palavras, no poema, remete o leitor à visualização das mesmas são refletidas de forma contrária, como se fosse para ser vista de um retrovisor de um carro, a exemplo de “ambulância”. A sonoridade é também explorada. Assim, através da

repetição da consoante “L” – aliteração. O “E” e “O” marcam as assonâncias que contribuem para a sonoridade.

Quanto ao semântico, além de mostrar onde o “espelho rebelde reflete o estranho” também as letras espelhadas ao contrário confirmam essa convergência. Novamente a busca da essência própria, do sentido da vida e do buscar entender-se, compreender-se.

Considerações Finais

A simbologia do espelho se faz presente em diversas obras da poeta que abordam o tema do *mito de Narciso* e as poesias estão associadas à busca de reconhecer-se e de entender-se como ser humano. O mirar-se no espelho representa introspecção, a busca da consciência e também de entender-se na sua feminilidade.

Os poemas refletem a percepção da fugacidade do tempo, a efemeridade da vida, também representam a consciência humana, simbolizando o pensamento em si mesmo.

Percebe-se nas poesias que, o espelho é o refletor da verdade e de sinceridade pela sua natureza mutável e perene. Ele mostra na poesia da Ruiz, ora a fugacidade do tempo, ora a estranheza do eu-lírico de não reconhecer-se - “o espelho reflete o estranho” - o buscar o autoconhecimento e a autorreflexão.

Também nas poesias, o ver-se no espelho, é instrumento de autocontemplação e reflexão do universo, porque, embora lípidos, algumas vezes eles transmitem também a vaidade – “espelho há alguém mais bela do que eu?” - como em Narciso e na bruxa má do conto de *Branca de Neve*, as imagens podem ser deturpadas.

The myth of narcissus in THE poetry of Alice Ruiz S.

Abstract: "Staring into the water, Narcissus falls in love with you." This myth gave rise to a series of symbols that are present in the arts in general. Alice S. Ruiz has several works that address the myth of Narcissus. The objective of this paper is to analyze the recurrence of images of the Myth of Narcissus in lyrical Alice S. Ruiz. The theoretical basis of this study

includes the approaches of Durand, Eco, Chevalier; Gheerbrant, Brunel Bachelard, among others. The poems analyzed have the same theme: the inner quest, introspection, awakening the consciousness of her womanhood, the quest to be acknowledged and understood as a human being, the ephemerality of life

Keywords: *Narcissus myth. Poetry. Alice Ruiz S.*

Referências

BAËNA, Tomás. **Espelho**. Disponível em: <http://filosofiaarte.no.sapo.pt/espelho.html>. Acesso em: Setembro/2012.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil.S.A., 1989.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

Infopédia . Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível na www:

[http://www.infopedia.pt/\\$espelho-\(simbologia\)](http://www.infopedia.pt/$espelho-(simbologia)). Acesso em: Setembro/2012

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Jean Chevalier, Alain Gheerbrant. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GUEDES, Linaldo. **Os zumbis também escutam blues e outros poemas**. Disponível em: http://linaldoguedes.blog.uol.com.br/arch2004-07-01_2004-07-31.html. Acesso em: setembro/2012.

TORGA, Miguel. **Narciso**. Disponível em: <http://www.triplov.com/letras/Miguel-Torga/Poemas/Narciso.htm> . Acesso em: Setembro/2012.

VELOSO, Aida Maria. **O Mito de Narciso na poesia portuguesa contemporânea**. Disponível em:

http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas27-28/08_Aida_Veloso.pdf. Acesso em: Setembro/2012.

RUIZ, Alice. **Dois em Um**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

_____. **Navalhanaliga**. Curitiba: ZAP, 1980.

SÊNECA, L. A. **A brevidade da vida**. São Paulo: Editora Escala 2007.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Brasil: Imago, 1997.

REVISTA MEMENTO

V.5, n.1, jan.-jun. 2014

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas o feminino através dos tempos**. São Paulo: Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda., 2006.